



Subsecretário da Agricultura dos EUA visita a região de Ribeirão Preto

No dia seguinte ao da aprovação da *Farm Bill*, a lei agrícola americana, o subsecretário do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, Mark Keenum, visitou a região de Ribeirão Preto e lamentou a atitude do Congresso Americano. Enfatizou: “a proposta, que nasceu dentro do congresso, não condiz com o momento que a agricultura dos EUA e mundial passam. É uma lei que será vetada, com certeza, pelo Presidente Bush, mas o veto dificilmente será mantido. É uma questão fechada entre os congressistas. Politicamente não foi uma decisão boa, principalmente devido à questão energética”, afirmou o subsecretário. Além do subsídio à produção de grãos não foi suspensa a taxação do etanol importado do Brasil, ficou mantida a taxa de US\$0,54 por mais dois anos. Mas Mark Keenum deixou claro que sua visita não visava apenas a questão do etanol, mas discutir o comércio bilateral de maneira mais ampla. Por isso, antes de chegar a Brasília, para reuniões com representantes do governo, o subsecretário conheceu uma cooperativa de café, uma plantação de algodão, uma agroindústria canvieira e se encontrou com lideranças e produtores rurais.

Na região de Ribeirão Preto a visita foi organizada com o apoio da ABAG/RP. Em Sertãozinho, o subsecretário visitou a Usina São Francisco, a maior produtora de açúcar orgânico do mundo. A visita começou na unidade industrial, com destaque para a destilaria e a co-geração de energia, e terminou no campo, onde o subsecretário acompanhou a colheita mecânica da cana-de-açúcar de dentro de uma colhedora. Ao final da visita Keenum



Morgan Perkins, Allan Hrapsky, Mark Keenum e Leontino Balbo, acompanham colheita de cana em Barrinha e visitam laboratórios de controle biológico da Usina São Francisco.



se disse impressionado com a dimensão e a tecnologia utilizada no setor sucroalcooleiro brasileiro e aproveitou para defender o etanol feito a partir do milho. Segundo ele, a produção americana de milho desta safra é a maior dos últimos anos e deve ser suficiente para atender a questão energética e alimentar interna e externa.

Ainda em Ribeirão Preto, em um jantar informal, o subsecretário se encontrou com outros empresários do

setor sucroalcooleiro e das cadeias do café e dos citruses.

Para a diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, a visita do subsecretário americano de agricultura é importante, mesmo com a recém aprovada *Farm Bill*: “ele é um executivo com poder decisório, e quanto mais destes vierem conhecer o potencial do agonegocio brasileiro, melhor para as relações bilaterais entre Brasil/EUA”.

O Agronegócio

Uma nova etapa do Sistema de Gestão Territorial da Região Nordeste do Estado de São Paulo, projeto da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto em parceria com a Embrapa Monitoramento por Satélite, foi apresentado oficialmente no início do mês de maio.

A primeira etapa do Sistema de Gestão Territorial foi entregue em 2005. O objetivo foi levantar as mudanças ocorridas no uso e ocupação das terras na região nordeste do Estado de São Paulo (área de 51.650 km² que abrange 125 municípios), entre 1988 e 2003, bem como os reflexos econômicos e sociais delas decorrentes. Para tanto foram utilizadas imagens de satélite de 1988 e 2003. Em 2004 foram realizadas centenas de amostragens em campo para o levantamento de dados sócio-econômicos e agrônômicos, que conferiram maior legitimidade aos resultados. O estudo está disponível na *homepage*: www.abagr.org.br.

Na segunda etapa, finalizada em 2006, o foco foi o levantamento de dados relacionados à adequação do uso do solo e um ensaio sobre a diversidade faunística.

Nesta nova etapa, no estudo denominado: “Dinâmica Espaço Temporal da Fitomassa e do Carbono Aprisionado pelos Agroecossistemas da Região Nordeste do Estado de São Paulo”, o objetivo foi quantificar como o agronegócio desta região, em sua dinâmica de uso e ocupação, colaborou e colabora para a remoção do carbono da atmosfera. Segundo o Chefe Geral da Embrapa Monitoramento por Satélite, Dr. Evaristo Eduardo de Miranda, “trata-se de um estudo inédito no mundo, que possibilita agregar valores aos agroecossistemas brasileiros com a geração, inclusive, de dados para possíveis indicadores ambientais das mais diversas culturas”.

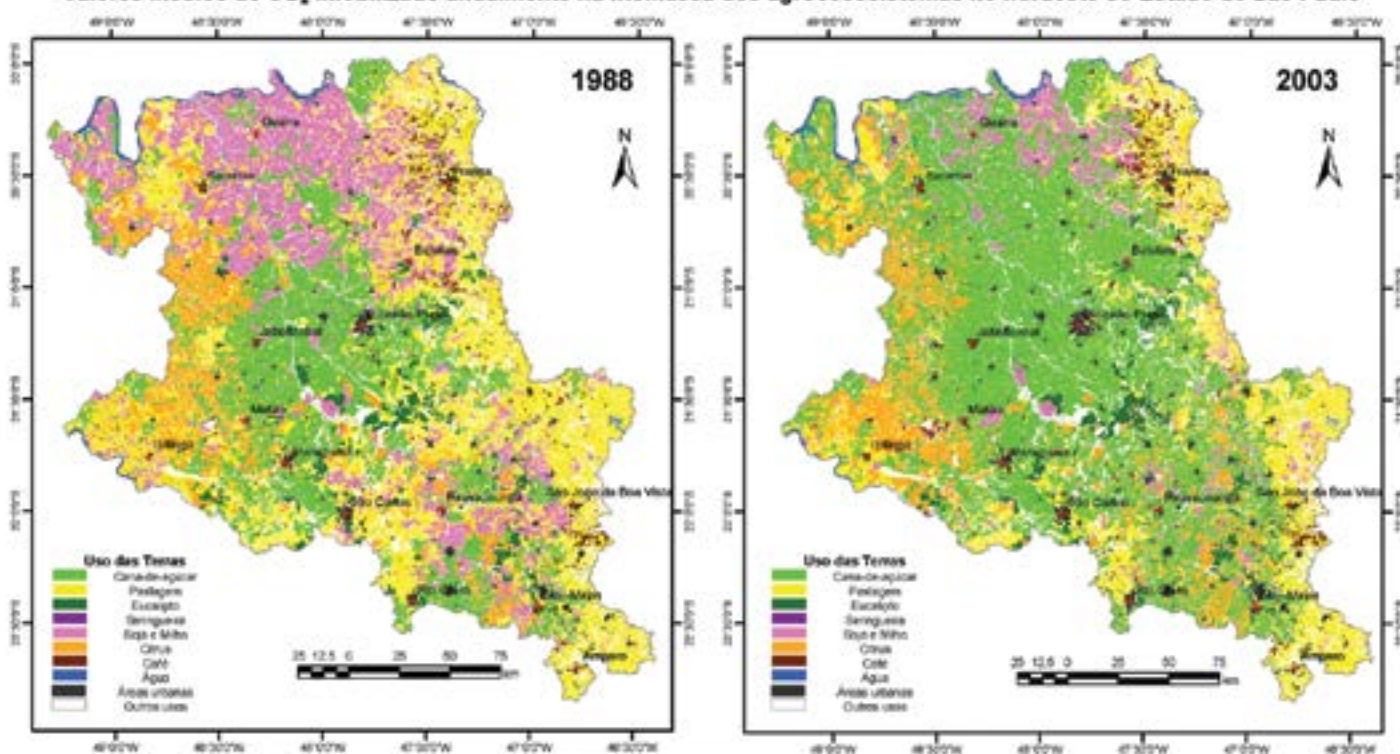
Os levantamentos dos valores de fitomassa e carbono foram feitos em 7 culturas: cana-de-açúcar, café, milho,

soja, citricultura, pastagens e eucalipto. Os pesquisadores da Embrapa utilizaram imagens de satélite, dados bibliográficos e dados coletados em campo. Pés de café em renovação, por exemplo, foram arrancados, desidratados e pesados, parte por parte, para quantificar o carbono retido nelas. Em cada uma das culturas foram feitos procedimentos semelhantes (fotos).

“Os resultados obtidos são respostas concretas do agronegócio aos ataques infundados que vem sofrendo. O setor foi escolhido como um dos maiores alvos na atribuição de responsabilidades pelo aquecimento global”, comenta a Diretora Executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi.

A análise dos dados revelou um aumento de cerca de 60% no carbono imobilizado na fitomassa dessas sete culturas. O CO₂ retirado da atmosfera e incorporado na fitomassa das culturas passou de 170 milhões para mais de 217 milhões de toneladas na comparação entre o ano de

Valores médios de CO₂ imobilizado anualmente na fitomassa dos agroecossistemas no nordeste do Estado de São Paulo



Agroecossistemas	CO ₂ imobilizado na fitomassa (milhões t ha ⁻¹ ano ⁻¹)	1988		2003		Variação	
		CO ₂ imobilizado (milhões t ano ⁻¹)	Área ocupada (ha)	CO ₂ imobilizado (milhões t ano ⁻¹)	Área ocupada (ha)	CO ₂ (%)	(%)
Cana-de-açúcar	507,2	1.084.100	110,2	2.289.890	240,0	111,2	
Pastagem	11,7	1.408.907	18,5	797.869	9,3	-3,4	
Eucalipto	21,3	139.499	3,6	135.647	2,9	-2,8	
Seringueira	13,9	175	0,2	4.783	0,7	2616,0	
C. A. (Soja e Milho)	31,6	935.181	29,6	277.962	8,8	-70,3	
Citros	8,4	487.619	4,1	518.680	4,4	6,4	
Café	10,3	67.507	0,7	58.804	0,6	-12,9	
Total		4.123.104		170,6	4.083.288	271,8	59,7

Disponível em: <<http://www.cnpem.br/publicacoes/serie.html#doc>>

o e o Carbono

Fotos Embrapa

1988 e o ano de 2003. O agroecossistema que mais contribuiu para este acúmulo de carbono foi a cana-de-açúcar. A cana era responsável em 1988 por 63% de todo o gás carbônico absorvido pelas culturas da região, e passou a responder por 90% em 2003. Em volume, a absorção aumentou em 129% e passou de 107,2 milhões de toneladas/ano para 245,5 milhões.

“É uma contribuição importante”, enfatiza Dr. Miranda, “o que não significa diminuir a poluição. São duas coisas diferentes. As pessoas só falam das queimadas da cana, mas existe um outro período, em seu crescimento, que ela cumpre um papel importante de retenção do CO₂, o gás que mais contribui para o efeito estufa (60%). É preciso lembrar que as partículas de CO₂ não desaparecem, mas se transformam como sabiamente postulou Lavoisier. Por isso é fundamental entender o que a sua retenção significa. É parte de um ciclo”.

É ensinado nas aulas de biologia que as plantas clorofiladas, na presença da luz, absorvem gás carbônico e água e, pelo processo de fotossíntese, sintetizam a seiva elaborada e liberam oxigênio para a atmosfera. Essa seiva (contendo carbono, hidrogênio e oxigênio) é utilizada para o desenvolvimento das raízes, caules, folhas, flores, frutos e sementes. Quando a planta é colhida, ou morre, os tecidos celulares são decompostos e os seus elementos constituintes são liberados. Se a palha da cana-de-açúcar é queimada para a colheita manual, o carbono nela contido é liberado para a atmosfera rapidamente. Se não houver a queima, a palha fica no campo e é decomposta lentamente por microorganismos. A mesma quantidade de carbono é liberada, porém de forma mais lenta e não perceptível a olho nu. Da mesma forma, quando o açúcar e o etanol são consumidos há a liberação de CO₂, seja pelo metabolismo do homem e dos animais, seja pelo escapamento dos motores. Isto vale para todos os alimentos e outros compostos orgânicos.

Segundo o pesquisador da Embrapa, Dr. Carlos César Ronquim, um dos autores do estudo, “na cana-de-açúcar, em seu primeiro ano de crescimento, o acúmulo de CO₂ é maior, depois disso, fica estagnado;



Equipe da Embrapa Monitoramento por Satélite em campo para a coleta de dados em cada uma das sete culturas analisadas. O processo foi semelhante em todas: retirada das espécies, separação das partes, pesagem “in natura” e pesagem em laboratório pós desidratação para avaliação da fitomassa

no milho e na soja o período de acúmulo é de 3 a 4 meses, até serem colhidos. Como a seringueira tem um ciclo longo de produção, cerca de 40 anos, ela retém CO₂ por mais tempo, e a cada ano mais, devido ao crescimento do tronco, dos galhos e das folhas”. Ele concluiu: “Não é o caso de falar em vantagem das culturas sobre as florestas, já que esta área começou a ser aberta para a agricultura no final do século XIX e viveu muitos ciclos: café, algodão, e agora citrus e cana-de-açúcar. Os mapas mostram uma “fotografia” de 1988 e outra de 2003, onde se percebe não a abertura de novas áreas, mas a clara migração das culturas”.

Nos quadros ao lado é possível observar o que significou, em termos de carbono (elemento constituinte da fitomassa), a dinâmica do uso e ocupação das terras na região.

“Quando ONGs e empresas falam: ‘vamos apagar, ou diminuir nosso rastro de carbono plantando árvores’, elas estão sugerindo reter este carbono, uma função que os agricultores cumprem há centenas de anos, e nos dias de hoje com mais eficiência, pelo incremento da

produção e da produtividade”, enfatizou Dr. Miranda. Quanto ao papel da cana-de-açúcar, ele afirmou que “a cana está produzindo um verdadeiro efeito anti-estufa. Além da contribuição que ela dá ao substituir a gasolina pelo etanol, e o gás da Bolívia pela co-geração de energia elétrica, no campo ela retira e armazena carbono da atmosfera. Este é um aspecto muito positivo da cultura”.

Mônika Bergamaschi lembrou que um dos propósitos do Sistema de Gestão Territorial da Região Nordeste do Estado de São Paulo é contribuir para a proposição de políticas públicas para o desenvolvimento do setor: “Esta é uma das ferramentas mais importantes para o moderno agronegócio. Ela permite simular o efeito das políticas setoriais antes que sejam colocadas em prática, permitindo ajustes prévios. Também serve para contrapor argumentos ideológicos, travestidos de preocupação social e ambiental, pois está fundamentada em ciência e tecnologia, a única solução possível para que se obtenha o desejado equilíbrio no tripé da sustentabilidade (econômico, social e ambiental)”.

Pirangi: em mais um ciclo de crescimento

Foto divulgação Prefeitura

As terras onde foi instalado o município de Pirangi, antiga Santo Antônio da Boa Vista, pertenciam ao distrito de São Sebastião do Turvo, em Jaboticabal. Nos idos de 1895, como os moradores das vizinhanças precisavam percorrer longas distâncias para adquirir gêneros alimentícios foi aberta uma picada para encurtar o caminho. No local foi erguido um cruzeiro e, mais tarde, construída uma capela a partir da qual se desenvolveu o povoado. Em 1904, a abertura de mais uma picada, para a passagem de carros de boi e boiadas vindos de Rio Preto, deu novo impulso à região. Em 1935, já com a denominação de Pirangi (do tupi-guarani: “peixe podre”), o município se tornou autônomo.

O desenvolvimento imobiliário na cidade é visível. O lançamento de 3 novos loteamentos e as reformas nas residências fizeram com que o custo diário de um pedreiro chegasse hoje quase ao dobro de um ano atrás, R\$ 100,00. Segundo a prefeitura municipal a melhoria da infra-estrutura atraiu investidores e imobiliárias. Depois da inauguração da estação de tratamento de esgoto, em 2001, e da facilidade na obtenção de licença ambiental para os empreendimentos, a cidade deslanchou.

O abastecimento de água é terceirizado. Não há cobrança de taxa de iluminação pública, que só não atinge 100% da cidade devido aos novos loteamentos. A destinação final dos resíduos sólidos é feita em aterro sanitário.

Na área de ensino a prefeitura atua apenas na educação infantil, de 3 a 6 anos. Nos outros ciclos, o Estado, com duas escolas, atende crianças da 1ª série do ensino fundamental até a 3ª série do



Pirangi: rodeada de frutas e cana-de-açúcar

ensino médio. A cidade conta ainda com uma escola particular. De acordo com a prefeitura não tem nenhuma criança em Pirangi fora da escola. Projetos sociais como a Casa da Criança e o Espaço Amigo atendem os estudantes em horário oposto ao da escola oferecendo apoio à tarefa, atividades esportivas e culturais.

Na área da saúde: um hospital, um pronto socorro e um centro de saúde estão à disposição da população. 10 consultórios particulares, com diversas especialidades, completam o atendimento. Para a prevenção e o atendimento primário foi criado o Programa de Agentes Comunitários da Saúde. Existe também um Centro Odontológico municipal.

Com pouco mais de 10 mil habitantes, Pirangi é uma cidade em pleno crescimento. Possui 6 agências bancá-

rias, uma agência própria dos Correios, duas rádios, um jornal quinzenal e no início deste ano foi instalado o Fórum Distrital. No comércio não existe nenhuma grande rede, mas os estabelecimentos locais atendem as necessidades da população: farmácias, supermercados, lojas de roupas e eletrodomésticos. Na área da cultura e lazer as opções são poucas, o

passeio na praça, as festas religiosas, os bailes e os encontros nas lanchonetes. O cinema local fechou por falta de público. A população prefere ir ao cinema em Bebedouro, a 35 quilômetros de distância, assim aproveita para viajar e ir ao shopping.

As principais empresas da cidade estão direta ou indiretamente ligadas ao agronegócio: duas transportadoras, uma comercializadora de citrus e goiaba, seis *paking house* de frutas, um abatedouro e uma usina de açúcar e etanol. São elas as maiores empregadoras locais, mas muitos moradores de Pirangi viajam todos os dias para trabalhar, principalmente em usinas nas cidades vizinhas.

A cidade já viveu outro ciclo de prosperidade, em meados dos anos 80, quando a laranja era o principal produto da agricultura local. Hoje a cana-de-açúcar está presente em 55% da área e a laranja em 16%. Esta proporção era inversa em 1995. A substituição da citricultura aconteceu gradativamente a cada renovação de pomar. O produtor continua à frente de suas terras, 44% da cana-de-açúcar da cidade são produzidas por fornecedores de todos os portes. Em Pirangi o desenvolvimento sempre esteve atrelado ao agronegócio, o velho bordão que diz “quando o campo vai bem a cidade vai bem também” cabe perfeitamente nesta cidade.

